

NOVO GOVERNO

Esquenta a batalha interna no PMDB pela presidência do Senado. Correndo por fora, Jefferson Peres (PDT-AM) tenta conquistar apoio dos petistas

José Varella - 26.6.02



SARNEY, AO LADO DE ROSEANA, COM ALIADOS NO MARANHÃO: APOIO DOS PEFELISTAS PARA DISPUTAR A PRESIDÊNCIA DO SENADO COM CALHEIROS

Sarney tenta tirar Calheiros da disputa

Rudolfo Lago
Da equipe do Correio
Com agências

Na próxima quarta-feira, a bancada do PT reúne-se para buscar uma posição conjunta a respeito da disputa pela presidência do Senado. É o primeiro resultado concreto do trabalho que o senador José Sarney (PMDB-AP) vem fazendo para conseguir conquistar o cargo que disputa em seu partido com o senador Renan Calheiros (PMDB-AL). Sarney está disposto a levar a briga até o fim. E planeja construir sua candidatura de fora para dentro. Quer que os demais partidos pressionem o PMDB para que a escolha recaia sobre ele, e não sobre Calheiros.

A primeira peça da construção de Sarney foi colocada na última quarta-feira, quando o senador Jefferson Peres (PDT-AM) procurou o presidente do PT, deputado José Dirceu (SP) no escritório do governo de transição, no Centro Cultural Banco do Brasil. Peres foi curto e grosso com Dirceu. Disse que considerava legítima a aspiração do PT e do PMDB, como maiores bancadas, de presidirem a Câmara e o Senado. Mas acrescentou que isso não pode-

ria levar o PMDB a imaginar que poderia internamente escolher o nome que quisesse e impor essa indicação aos demais senadores. "O presidente do Senado tem de ser alguém com envergadura para o cargo", completou, deixando claro que, na sua opinião, esse não era o perfil do senador alagoano.

Peres deixou claro para Dirceu que, na insistência de Renan Calheiros, o "nome de envergadura" poderia ser o dele. Nessa hipótese, o senador do PDT procuraria construir sua própria candidatura como alternativa. Peres já fez isso. Quando o ex-senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) venceu a candidatura do ex-senador Jader Barbalho (PMDB-PA) à presidência do Senado, Peres lançou sua candidatura como alternativa.

Contra Sarney, Peres recolheria suas pretensões. Agora, o que o senador maranhense precisa é gerar esse tipo de confusão para fragilizar a candidatura de Renan Calheiros. Um outro fator enfraqueceu as pretensões do parlamentar alagoano. Com a entrada do senador eleito Aelton de Freitas (MG) no PL, a bancada do PMDB ficou do mesmo tamanho que a do PFL. Ou seja,

o partido de ACM passa a ter o mesmo direito que o PMDB de pleitear a vaga. Assim, o acordo pela presidência do Senado não pode mais passar apenas pelo PT e pelo PMDB.

A entrada de Aelton no PL fez Sarney guardar no fundo do seu baú um *plano B* que acalentava na disputa com Calheiros. Ele pensou em filiar ao PMDB os senadores Romeu Tuma (SP) e Edison Lobão (MA) e a senadora eleita Roseana Sarney (MA). Os três são do PFL. Agora, no entanto, essa hipótese parece mais atrapalhá-lo. Se filiar os três ao PMDB, Sarney tira do PFL um trunfo. A agressão poderia levar o partido a reagir, lançando a candidatura de Marco Maciel (PFL-PE) no plenário. "É mais fácil Sarney vir para o PFL que o contrário. Porque, aqui, o convite a ele é permanente", diz o presidente do PFL, Jorge Bornhausen (SC).

VOTOS NO PFL

O que Bornhausen quer dizer é que, se Sarney não atacar o PFL tentando roubar senadores, terá do partido total apoio nas suas pretensões. E Sarney não precisa apenas dos votos do PMDB para se eleger presidente do Senado. O

que o PT discutirá na semana que vem é se entrará no jogo já explicitado por Jefferson Peres de interferir na escolha do PMDB ou se vai se manter neutro. Sarney confia na tática de viabilizar a pressão externa.

Na Câmara, o jogo parece mais simples para as pretensões petistas. Os líderes do PSDB começam a admitir que não terão forças para evitar que fique para o partido de Lula a presidência dos deputados. A hipótese de formação de um bloco com o PFL vai ficando distante. "O jogo mal começou, mas, se o PMDB mantiver o acordo com o PT, o quadro está definido", avalia o vice-presidente nacional do PSDB, deputado Alberto Goldman (SP). Na mesma linha, o deputado Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP) tem advertido os correligionários para a inconveniência da disputa. "Além de estar no direito deles presidir a Câmara, entrar nesta briga seria inútil tanto do ponto de vista numérico quanto politicamente", diz. Ferreira alerta para o fato de que lançar um candidato avulso pode custar ao PSDB a exclusão da Mesa Diretora da Câmara uma vez que o partido ficaria fora da chapa oficial.